

**PORTO**  
OS BASTIDORES  
DE UM DIVÓRCIO  
AUTÁRQUICO

**RÓTULOS**  
O QUE ESCONDEM  
AS LETRAS PEQUENAS

**FRANÇA**  
A ESCOLA QUE  
FABRICA  
PRESIDENTES

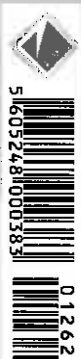
# VISÃO

GUIA DOS  
FESTIVAIS  
DE VERÃO

DOSSIÊ ESPECIAL 26 PÁGINAS

## A MISSÃO DE FRANCISCO

- UM PAPA MUITO À FRENTE DA IGREJA PORTUGUESA
- A FÉ DE MARCELO
- OS POLÍTICOS E FÁTIMA



GETTYIMAGES



Mas a sua ação não se fica pelos templos ou pelo momento para a fotografia. Quer “ir onde é preciso ir” e definiu, como desafio, “levar mais longe os ensinamentos do Vaticano II, indo para as periferias”. E foi, criou um roteiro, a que chamou “Portugal Próximo”, com o qual pretende tornar mais próximo o País profundo, longínquo, esquecido. Vê-se, como vê qualquer outro cristão, como um evangelizador, um missionário. Por isso junta, à agenda mais institucional, as visitas a escolas, estabelecimentos prisionais, hospitais, ou aos sem-abrigo. Em Cuba, visitou o líder da revolução, Fidel Castro, mas também a irmã Teresa Vaz, a transmontana que há mais de uma década dirige a Guarderia Padre Usera, no centro de Havana. Um dos projetos da obra é iniciar crianças e jovens no futebol. Descansado por terem o equipamento necessário, não se conteve, ao ouvir que os treinos são à beira da catedral: “Isso é magnífico! Inspiração divina para o futebol!”, exclamou. Marcelo é assim – vê Deus nas mais pequenas coisas.

#### **E AS IDAS DIÁRIAS À MISSA?**

Marcelo está, desde cedo, imbuído deste espírito. A sua avó (a única que conheceu) era uma católica fervorosa; o pai militava na ação católica e a mãe, que tinha recebido uma educação religiosa muito intensa no Instituto de Odivelas, tornara-se assistente social. Na sua casa, discutia-se religião como se discutia política. A sua fé começou, portanto, por ser herdada, recebida, acrítica. Mas, à medida que foi crescendo,

#### **No Vaticano O reencontro em Fátima pode reforçar a empatia**

enquanto se debatia o Concílio do Vaticano II, foi assumindo essa fé como sua, debatendo-a e empenhando o seu tempo e energia no serviço aos outros. Quando o seu pai abandonava a Igreja de Santa Isabel, perante uma homilia demasiado progressista, Marcelo ficava até ao fim. E assim se forjou: ainda hoje sabe acompanhar a missa em latim, como fazia o seu pai, mas tem toda uma outra filosofia de vida, uma visão de partilha, de abertura, de união.

Os encontros com o Grupo da Luz, dinamizado pelo colega da faculdade Vítor Melícias, ajudaram-no a seguir o seu próprio caminho. Com encontros às terças, aquele era, além de uma “família de afetos”, como lhe chama Melícias, um grupo “de reflexão religiosa, social e política” que, com António Guterres, Diogo Lucena, Miguel Bezeza ou Carlos Santos Ferreira, tinha como “primeiro motor viver a fé nos nossos dias”, deixando o passado para trás, explica o padre.

Marcelo, o hiperativo, o aluno brilhante, destacava-se em várias frentes. Não tardou a que a Opus Dei tentasse recrutá-lo. Mas apesar de ter participado em muitas atividades (e ter ajudado, até financeiramente, a Obra) acaba por explicar a Adelino Amaro da Costa que o seu perfil, “rebelde e insubmisso”, como diz de si mesmo, não era o mais adequado para a organização.

Casou pela Igreja em 1972, no monte alentejano da família da noiva, Cristina Motta Veiga, em S. Miguel de Machede, com orações escolhidas por ambos, já “com referência a outras crenças, o que provocou a ira do regime” de que o pai de

# NOSSA SENHORA É PARA AQUI CHAMADA?

CONFUNDIU-SE COM A DITADURA, "GUIOU" ESTADISTAS E INSPIROU ATENTADOS BOMBISTAS. TAMBÉM "PROTEGEU" O PAÍS DA MARÉ NEGRA DA GALIZA E ATÉ DA TROIKA DE BRUXELAS. COMO FÁTIMA ASCENDEU AO ALTAR DA POLÍTICA?

 MIGUEL CARVALHO



**Eanes com João Paulo II**

Em 1982, teve lugar a primeira visita de um Papa depois da instauração do regime democrático. O Papa polaco foi, de todos os chefes da Igreja, o maior devoto de Fátima

O Estado, já se sabe, é laico. Mas, tratando-se de Fátima, sempre houve quem, à sombra de uma azinheira, tentasse convencer-nos do papel dos milagres na ação política. Em ditadura, a glória de Salazar nas alturas era, para o cardeal Cerejeira, fruto de uma escolha da Providência e resultado da intervenção da Virgem para permitir ao homem de Santa Comba “realizar tão grandes coisas miraculosamente”. Décadas volvidas e substituído o regime, as brasas esquerdizantes do pós-25 de Abril deram ao clericalismo mais conservador motivos para agitar os “grandes perigos” e “terríveis punições” que estariam contidos no chamado Terceiro Segredo. Talvez por isso, os chefes da rede bombista de extrema-direita, unguídos por arcebispos e párocos de província, tenham, nessa altura, sugerido ao bombista Ramiro Moreira que dinamitasse igrejas e o Santuário de Fátima para “culpar os comunistas” e travar a revolução. O destacado operacional, hoje dedicado à administração de condomínios, recusou. “Nem pensar nisso!”, afirmou, perentório na nega. Chamaram-lhe covarde, é certo, mas ele lá se aguentou, mantendo intacto o seu respeito “pelas coisas sagradas”.

Em 2003, o petroleiro Prestige encalhou ao largo da Galiza e a maré negra ameaçou Portugal, mas sem consequências de maior. Segundo Paulo Portas, o País foi então “muito ajudado” por aquilo que ele, crente, considerou “uma intervenção de Nossa Senhora”.

Ao então ministro de Estado e da Defesa Nacional sucedeu, neste discurso beatificado, o Presidente da República, dez anos depois. Em 2013, estávamos já debaixo do espinhoso manto da troika, entregues aos desígnios dos credores e ainda inconscientes dos pecados do Espírito Santo, o banco no qual podíamos “confiar”, na (boa?) fé do inquilino de Belém. Maria Cavaco Silva, esposa do chefe de Estado e afamada colecionadora de presépios, teve então uma revelação: a bem-sucedida sétima avaliação do “programa de ajustamento económico e financeiro” não fora, sugerira ela ao marido no conforto do lar, obra de comuns mortais ou dos sacrificados concidadãos. “Penso que foi uma inspiração – como já a minha mulher disse várias vezes – da Nossa Senhora de Fátima, do 13 de maio”, afirmou Cavaco, iluminando assim o caminho da salvação.

#### “ELE HÁ MUITAS FÁTIMAS”

Por motivos sólidos ou celestiais, alheios à sua vontade, a consolidada e secular democracia já teve motivos para se deitar no divã e perguntar: afinal, o meu poder vem de baixo ou de cima?

Para Pierre Legendre, historiador e psicanalista francês, a política sempre foi a “arte de apascentar o rebanho”. A reminiscência bíblica



**Três papas, dois regimes Salazar com Paulo VI, em 1967, e o agnóstico Jorge Sampaio com João Paulo II, em 2000. Maria José Ritta usa o lenço “de igreja” que deixou de ser obrigatório depois do Concílio Vaticano II... Alberto João Jardim, por uma vez, inclina-se no beija-anel a Wojtyła. E Sócrates, responsável por leis fraturantes como os casamentos gay, recebe Bento XVI com todas as honras. Desde Paulo VI, só João Paulo I não veio a Fátima**

não vem ao acaso se tivermos em conta, menos, a influência dos acontecimentos Cova da Iria na forma como os governos e religiosos de turno iam moldando o espírito de alma do País. “Fátima foi, desde as origens, uma ‘questão politizada’, a propósito de diversas leituras e diversos aproveitamentos político-ideológicos foram surgindo, passando em muito o simples plano da história”, escreveu o historiador José Miguel Sousa Tavares na *Enciclopédia de Fátima*.

Já devíamos estar avisados. Há 17 anos, o atual Presidente da República, esse que nunca garantia que nunca seria candidato, líder do PSD – “nem que Cristo desça à terra” – mas acabou a chefiar o partido, teo nas páginas do semanário *O Independente* “Ele há muitas Fátimas”. Marcelo Rebelo de Sousa referia-se à Fátima do comércio, do turismo, do negócio, da hierarquia da Igreja, da movimentação social, do Estado Novo, da República. “Pode mesmo ser-se cristão fervoroso – e não se aceitar Fátima”



assinalava. Para ele, o santuário era, isso sim, “centro de veneração de Deus”, de “interceção de Maria” e “confluência de seres humanos, de meditação e reflexão sobre a nossa condição e o nosso destino”. Nesse sentido, questionava, “porque não há de o Presidente da República associar-se aos grandes momentos de celebração religiosa”? E ele mesmo respondia: “Só um anticlericalismo serôdio (...) pode vedar que o chefe de Estado se solidarize – enquanto tal – com o júbilo religioso de milhões dos seus concidadãos”. No próximo dia 13, levando as palavras à prática, Marcelo assim fará. Ou não estivesse em causa uma visita papal.

Quem melhor lidou com o fenómeno, e o fundiu com os interesses da “restauração nacional” e a influência da Igreja, foi Salazar, que nem sequer era de aparecer, participar ou deixar-se fotografar nas solenidades do santuário, fossem elas peregrinações ou celebrações. Ainda assim, a estampa com o seu rosto circulou no recinto e quando, em 1968, caiu da cadeira, dez mil pessoas rezaram por ele junto à Capelinha das Aparições.

No dizer de Moisés de Lemos Martins, catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Salazar não é um mero chefe político. É, sim, “um salvador no cumprimento de uma vontade que o transcende”, ou seja, “realiza Fátima para todos nós”. Depois, o “patriotismo católico” do re-

## Mão divina?

### PRESTIGE

Foi numa entrevista à VISÃO que, em 2003, o então ministro da Defesa, Paulo Portas, considerou haver a mão de Nossa Senhora no facto de a maré negra provocada pelo petroleiro *Prestige*, que assolou as costas da Galiza, não ter chegado a Portugal. É claro que as marés também deram uma ajudinha.

### TROIKA

A aprovação da troika, na 7ª avaliação ao cumprimento do programa de ajustamento, pode ter sido um milagre. Foi o que sugeriu o então Presidente Cavaco Silva, que, citando a sua mulher, viu ali o dedo de Nossa Senhora.

### ABORTO

Em 1983, Mário Soares saiu da sala do V Congresso do PS, no momento errado, e não pôde controlar os danos: a moção de Maria Belo que pretendia despenalizar o aborto foi aprovada por aclamação: “Dispensava bem esse problema com a Igreja”, desabafaria Soares

gime, a que o cardeal Cerejeira e a Irmã Lúcia somaram a divinização do ditador, fizeram a simbiose, até nas palavras. “Calvário”, “sacrifício” e “redenção” tiveram assim um cunho religioso e político na propaganda salazarista. Nada, porém, que seja estranho à democracia do século XXI: nos dois últimos anos do seu mandato, Pedro Passos Coelho propôs-se “fazer o caminho da redenção” de que o País, segundo ele, precisava (2014), e impedir que destruíssem “o sacrifício que os portugueses fizeram” (2015). Se não houve olho ou mão de Deus no discurso da maioria PSD/CDS, houve, pelo menos, um devotado apóstolo partidário, de crucifixo no bolso, pregando a sua “fé nos portugueses” em plena campanha eleitoral. Já antes, a então ministra da Agricultura, Assunção Cristas, declarando-se “pessoa de fé”, pedira intervenção divina, mas no caso para combater a seca, esperando que chovesse. Caso contrário, então sim, agir-se-ia “em conformidade”.

### DE FÁTIMA AO SANTO CONDESTÁVEL

De Ramalho Eanes a Marcelo, de Mário Soares a António Guterres, o religioso teve sempre grande acolhimento entre os estadistas de turno. Alguns líderes políticos caíram também nas boas graças dos representantes de Deus neste recanto continental, não necessariamente pela sua crença ou devoção. Um exemplo: Soares, líder histórico do PS, foi o aliado preferencial da Igreja nas lutas do “Verão Quente” contra o PCP e a extrema-esquerda, ao ponto de o próprio *Diário do Minho*, órgão de inspiração cristã e próximo da arquidiocese de Braga, lhe ter dedicado, naquele tempo, autênticos panegíricos.

De todos, só Francisco Sá Carneiro se revelou o problema maior da Igreja, ao tentar impor à sociedade, antes do tempo e sem olhar a cânones nem a convenções, a sua amada dinamarquesa Snu Abecassis. Entre os deveres do matrimónio e a fidelidade à sua formação católica, cultivada nos cursos de cristandade, o fundador do PPD/PSD trocou a oração pelo coração. Ele e Snu enfrentaram juntos, até à morte, em 1980, em Camarate, o desconforto da hierarquia católica, o azedume da Santa Sé, a rigidez dos protocolos, a desconsideração de Mário Soares, então apologista das famílias “normais”, e as manifestações de desagrado de militantes dos partidos mais à direita. Muitas guerras para um casal só.

Quanto ao atual secretário-geral da ONU, António Guterres, viúvo de um casamento pela Igreja (e de novo casado no altar), com dois filhos batizados e tendo por confessor o padre Vítor Melícias, terá sido aquele que, aos olhos da instituição religiosa, mais se enquadrava no perfil de governante abençoado, até pela forma como barrou as influências dos